

## SAUDADE

*A quem revelar a minha tristeza? ...*

Crepúsculo do entardecer. Farrapos de neve grossos e húmidos rodopiam em volta dos lampiões acabados de acender e pousam em camada fina e macia sobre os telhados, nos lombos dos cavalos, nos ombros das pessoas, nos gorros. O cocheiro Iona Potápov está todo branco, um fantasma. Curvado, na curvatura máxima possível a um corpo vivo, está sentado na boleia e nem se mexe. Se porventura caísse em cima dele um morro de neve, parece que não a sacudiria... A eguazinha dele também está branca e imóvel. Aquela imobilidade, o anguloso das formas, o esgalhado das patas fazem-na parecer, mesmo de perto, um doce de mel a um copeque em forma de cavalinho. Parece mergulhada em pensamentos. Quem foi arrancada do arado, das habituais imagens cinzentas, e atirada para aqui, para este pântano cheio de luzes monstruosas, de um estrepitar incessante e de gente a correr, não pode evitar reflectir...

Iona e a sua eguazinha há muito que não arredam do lugar. Largaram de casa antes do almoço, e ainda não se estrearam. Ora, já desce sobre a cidade a bruma da noite. A palidez dos lampiões cede lugar às cores vivas, a azáfama da rua torna-se mais ruidosa.

— Cocheiro, para a Víborgskaia! — ouve Iona. — Eh, cocheiro!

Iona estremece e, através das pestanas coladas pela neve, vê um militar de capote e capucho.

— Para a Víborgskaia! — repete o militar. — Estás a dormir ou quê? Bate lá para a Víborgskaia!

Iona puxa as rédeas, em sinal de concordância, e faz cair camadas de neve dos lombos da égua e dos ombros dele... O militar senta-se no trenó. O cocheiro faz estalar os lábios, estica o pescoço à maneira de um cisne, soergue-se e, mais por hábito do que por necessidade, levanta o chicote. O cavalicoque também estica o pescoço, entorta os galhos das patas e arranca indeciso...

— Por onde achas que vais, seu diabo? — Iona ouve logo os berros saídos da massa escura que se movimenta para trás e para diante. — Por onde raio é que vais? Mantém-te à direita!

— Não sabes guiar? Mantém-te à direita! — zanga-se o militar.

O cocheiro de uma berlinda ralha, um transeunte que atravessava a rua e roçou com o ombro no focinho da égua olha raioso e sacode a neve da manga. Iona remexe-se na boleia como sobre brasas, espeta os cotovelos para os lados e revira os olhos como doido, como se não percebesse onde estava e para quê.

— Os canalhas, han! — ironiza o militar. — Fazem tudo para esbarrar contigo ou ser atropelados. É uma conspiração.

Iona vira a cabeça para o freguês e mexe os lábios... Quer dizer alguma coisa, mas da garganta só lhe sai um rouquido.

— O quê? — pergunta o militar.

Iona entorta a boca num sorriso, força a garganta e diz, rouco:

— Tocou-me a mim, meu senhor, pois... morreu-me o filho esta semana.

— Humm!... E morreu de quê?

Iona vira-se com todo o corpo para o passageiro e diz:

— Vá-se lá saber! Das febres, se calhar... Ficou três dias no hospital e morreu... A vontade de Deus.

— Vira, seu diabo! — ouve-se na escuridão. — Estás cego ou quê, rafeiro velho? Abre os olhos!

— A andar, a andar... — diz o passageiro. — Assim, nem amanhã lá chegamos. Aperta com isso!

O cocheiro volta a esticar o pescoço, a soerguer-se e, com uma graciosidade pesada, brande o chicote. Depois volta repetidas vezes a cabeça para o passageiro, mas já este fechara os olhos, sem disposição para o ouvir. Feito o serviço para a Víborgskaia, Iona pára em frente de uma casa de pasto, curva-se todo e de novo deixa de se mexer... A neve húmida volta a pintá-los de branco, a ele e à eguazinha. Passa uma hora, outra...

Pelo passeio, batendo ruidosamente com as galochas e barafustando entre si, caminham três rapazes: dois são altos e esbeltos, o terceiro é pequeno e corcunda.

— Para a Ponte Politséiski, cocheiro! — grita numa voz de cana rachada o corcunda. — Três pessoas... vinte copeques!

Iona agita as rédeas e estala os lábios. Vinte copeques não é preço que se ajuste, mas não está para pensar no preço... Um rublo ou cinco copeques — para ele, agora, tanto faz, importa é ter fregueses... Os jovens, empurrando-se e praguejando, chegam-se ao trenó e trepam todos de uma vez para o assento. Têm de resolver o problema: quem são os dois que vão sentados, qual tem de ir em pé? Depois de longa discussão, queixas e acusações mútuas, resolvem que o corcunda, como é mais pequeno, vai de pé.

— Vá lá, aperta com isso! — esganiça-se o corcunda, acomodando-se de pé e respirando para a nuca de Iona. — Mexe esse chicote! Lindo gorro o teu, amigo! Não há-de haver pior em toda a cidade de Petersburgo!

— Hi-hi... hi-hi... — ri Iona. — É o que há...

— O que há, digo-te eu, é que apertes com isso! Vais fazer a corrida toda nesse andamento? É isso? E se levasses?...

— Parece que me estala a cabeça... — diz um dos esgrouviados... — Ontem, em casa dos Dukmásov, eu e o Vasska emborcámos quatro garrafas de conhaque pelos dois.

— Não percebo qual é a necessidade de mentir tanto! — irrita-se o outro esgrouviado. — Mente, este porco.

— Deus me castigue se não é verdade...

— Tão verdade como o piolho tossir.

— Hi-hi! — solta Iona uma risadinha. — Mas que pâ-ândegos, estes senhores!

— Porra para isto, diabos te carreguem!... — indigna-se o corcunda. — Vais andar com isto ou não, peste caduca? Já se viu alguém andar assim? Carrega-lhe c'ò chicote! Arre, diabo! Arre! Chega-lhe, com força!

Iona sente atrás das costas o corpo desinquieto e a voz trememente do corcunda. Ouve as injúrias que lhe caem em cima, vê gente, a solidão começa a dissipar-se-lhe a pouco e pouco do peito. O corcunda pragueja até se engasgar, numa combinação requintada e variada de palavrões e tosse desgarrada. Os esgrouviados começam a falar de uma tal Nadejda Petrovna. Iona volta a cabeça para eles. Aproveitando uma pausa curta, vira-se ainda mais e murmura:

— Foi esta semana, senhores... pois... morreu-me o filho!

— Todos havemos de morrer... — suspira o corcunda, limpando os lábios molhados da tosse. — Anda mas é para a frente, chega-lhe! Oh, senhores, eu não posso continuar neste passo, sinceramente! Com um tipo assim, quando chegaremos ao destino?

— Nesse caso anima-o um bocadito... no cachaço!

— Estás a ouvir, peste caduca? Levas já duas cachaçadas!... Quem faz cerimónias com esta raça de cocheiros mais vale andar a pé!... Estás a ouvir, bruxo velho? Ou não ligas ao que a gente te diz?

E Iona ouve, mais do que sente, os estalos das cachaçadas.

— Hi-hi — ri-se. — Mas que pândegos, estes senhores... Deus vos dê saúde!

— Cocheiro, és casado? — pergunta um dos esgrouviados.

— Eu? Hi-hi... senhores tão pâ-ândegos! Agora só tenho uma mulher: a terra... Hi-hi-hi... Quer dizer, a cova! Morreu-me o filho e eu estou vivo... Que coisa, a morte enganou-se na porta... Levou-me o filho, em vez de me levar a mim...

E, já Iona se vira para contar como lhe morreu o filho, quando o corcunda suspira de alívio e declara que, graças a Deus, até que enfim tinham chegado. Iona recebe os vinte copeques e fica a olhar

demoradamente para as costas dos pândegos, que se sumiram pela entrada escura de um prédio. Outra vez sozinho, outra vez envolto em silêncio... Aquela saudade, que por um tempinho se abrandara, oprime-lhe o peito com mais força ainda. Os olhos de Iona percorrem sôfregos e inquietos as chusmas que formigam de ambos os lados da rua: não haverá entre aqueles milhares de pessoas quem aceite ouvi-lo? Mas a multidão corre sem atentar nele, nem naquela saudade... Uma saudade tão grande, tão sem fim. Se o peito de Iona rebentasse e aquela saudade se derramasse, inundaria o mundo, contudo ninguém a vê. Tão mísera a casca em que a saudade se meteu e, mesmo assim, nem à luz do dia se vê...

Iona vê um guarda-portão com um saquinho de esteira e mete conversa com ele.

— Que horas são, amigo? — pergunta.

— Passa das nove... Que fazes aí especado? Passa!

Iona avança uns passos, curva-se e entrega-se à saudade... Não merece a pena falar com os outros — pensa. Mas nem cinco minutos passam e já se endireita, sacode a cabeça, como picado por uma dor aguda, e sacode as rédeas... Não aguenta.

«Para casa — pensa. — Para casa!»

E a eguzinha, como que adivinhando-lhe o pensamento, mete a trote. Hora e meia depois já Iona está sentado à beira do fogão sujo e grande. Os corpos estiram-se por todo o lado, pelo chão, nos bancos, no catre por cima do fogão<sup>1</sup>. O ar está abafação e fedorento... Iona põe-se a olhar para os que dormem, coça-se e arrepende-se de ter voltado tão cedo para casa...

«Nem para a aveia ganhei — pensa. — Por isso é que se meteu em mim esta tristeza. Um homem que sabe do seu ofício... que anda farto e que o cavalo dele anda farto, sempre tem outro sossego...»

Num dos cantos soergue-se um cocheiro, um jovem, resmungo sonolento e estende a mão para o caneco da água.

<sup>1</sup> Em russo, *pech*. Trata-se do fogão típico russo, para cozinhar e de aquecimento, feito de tijolos e comportando por cima um espaço que serve de cama. (N. T.)